**AS REPERCUSSÕES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO:**

**Estudo de algumas práticas dos Bayombe de Necuto/Buco – Zau**

**Autor**: Alberto Conde Kalimi[[1]](#footnote-1)

**Orientador**: Joaquim Paka Massanga[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este trabalho tem como objectivo Reflectir sobre as repercussões da tradição de Cabinda na educação. Ele também trata das principais características socioculturais e económicas da Comuna de Necuto bem como algumas práticas culturais locais que se fazia sentir no passado, mas que hoje estão entrando em desuso. Tal propósito percorreu no parâmetro qualitativo e quantitativo, aliado a outros procedimentos como a observação, a entrevista e o questionário dirigido às personalidades conhecedores da realidade da Comuna do Necuto. Por fim, constatou-se que a tradição é entendida como uma das fontes de educação para sociedade e que é transmitida com base na linguagem, provérbios e gestos, constituindo um verdadeiro instrumento histórico de qualquer povo cujo valor atribuído na educação, proporcionou a construção de uma identidade própria no seio do povo da Comuna do Necuto e que a mesma tinha um impacto confiante na sua educação porque servia de guia para se proceder a educação informal, meio de socialização e instrumento de interpretação das crenças, usos e costumes e de sistemas de parentesco.

**Palavras-chaves**: tradição e Educação.

**Introdução**

O texto do presente artigo é parte do Trabalho de fim de curso apresentado pelo ISCED-CABINDA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências da Educação. Opção: Ensino de História. Cujo tema foi **o *impacto da tradição de Cabinda na educação dos povos do Município de Buco-Zau, Comuna de Necuto (1980 e 1990)***.

 Ao adentrarmos neste mar, notamos que a reconstituição do passado humano pelo historiador é e será uma tarefa que envolve várias dinâmicas, devido ao número infinito de factos e a deturpação de alguns documentos históricos, mas ainda assim, o historiador procura retratar ao máximo possível a veracidade daquilo que foi o passado da humanidade.

O autor deste artigo se vê num grande compromisso em contribuir na preservação da história da Comuna de Necuto, por tanto, se propõe trazer à tona uma das partes desta história que se julga importante destacar, que são ***as repercussões da tradição na educação***. Tal acontecimento, segundo nossa hipótese, tem uma parcela de influência importante na construção da atmosfera cultural destes povos.

Por se tratar de pesquisa relacionada a tradição em Cabinda é possível encontrar trabalhos já publicados, a título de exemplo, Buza em seu relatório *sobre o Tchikumbi em Cabinda: o esvaziamento de uma prática e Saber tradicional de educação familiar*, sustentou que a prática de tchikumbi possuía um valor histórico-cultural cuja importância era imensurável, porquanto ele servia de instrumento para se proceder à educação familiar, auferir, avaliar e creditar o grau de conhecimento e habilidades que a jovem menina possui antes de entrar na adolescência e para a vida conjugal.

 Os pesquisadores Toco e Puati (2009), Kuambo e Mabuela (2013), e Oliveira (2009), em seus estudos enfatizaram a origem dos povos do Buco-Zau e arredores, ritos de iniciação, origem das populações e nome de N’cuto respectivamente, concluíram que os povos do Necuto surgem da confluência de diversos povos, tendo dado uma origem exponencial demográfico e cultural.

 No caso deste artigo, o desafio é Reflectir sobre as repercussões da tradição de Cabinda na educação, tendo como foco o Município de Buco-Zau concretamente a Comuna do Necuto, porque em tempos passado, na ausência dos pais de um menor, quaisquer mais velhos da aldeia poderia os representar em caso de um problema até que aparecessem os pais. Hoje essa prática já não se faz sentir como no passado, por isso diz-se que verifica-se perda de alguns valores morais da nossa cultura na convivência social. Apesar de hoje ter maior número de letrados em relação o passado nota-se comportamentos que não condizem com os padrões culturais do passado.

E por conseguinte, se pretende responder: Que repercussão tem a tradição de Cabinda na educação? Ou ainda, Quais são as consequências que podem advir do incumprimento das normas da tradição?

Para responder tais perguntas era indispensável pensar o caminho a seguir. A metodologia é fundamentalmente bibliográfica, mas contempla uma parte de pesquisa de campo através de entrevistas feitas com pessoas conhecedoras da realidade da Comuna de Necuto e de igual modo para enriquecer ainda mais a nossa pesquisa distribuímos alguns questionário pelas autoridades tradicionais e a alguns membros da Administração Comunal.

O artigo comporta três partes: A primeira falará de forma sintetizada sobre a contextualização histórica de Cabinda, Município de Buco-Zau e a Comuna do Necuto. A compreensão de alguns termos chave, as principais características socioculturais e económicas do Necuto são dentre outros aspectos abordados.

A segunda parte abordará sobre alguns usos e costumes do povo de Necuto. De igual modo, far-se-á a menção de algumas práticas educativas daquela localidade. E por fim, faremos uma reflexão sobre a influência da tradição na educação dos munícipes desde o passado até à actualidade. Este será o nosso trabalho.

**1.Contextualização de Cabinda**

Os povos que habitam esta região são originários da dispersão de grupos do reino do Kongo. Essas migrações deram origem à formação dos Estados de Ngoyo, Kakongo e Loango, os quais autonomizaram-se do reino do Kongo e se identificaram culturalmente por referência à baía de Cabinda (PINTO, 2006, p. 155).

Actualmente, a expressão Cabinda é utilizada tanto para designar o Território compreendido entre as fronteiras coloniais delineadas depois da Conferência de Berlim (1984/1885), e que veio constituir um enclave[[3]](#footnote-3) da colónia portuguesa de Angola, quanto para identificar todos os indivíduos oriundos do referido Território, pertencentes a vários grupos do povo Bakongo: os Oio (Bawoyo), os Cacongo (Bakuakongo), os Vili (Bavili), os Lingi (Balingi), os Iombe (Baiombe), os Sundi (Basundi) e os Kotchi (Bakotchi) (VICENTE, 1996, p. 13).

Separada do restante do território por uma faixa estreita (pertencente a RDC para seu contacto com o mar) e pela foz do rio Congo ou Zaire, na fronteira norte do país (MENEZES, 2000, p.92). Possui uma superfície de 7.300 km2. É limitada a Norte e Nordeste pela República do Congo, a Leste e Sul pela República Democrática do Congo e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Actualmente, a Província de Cabinda possui quatro municípios.

**1.1.Município de Buco-Zau**

Mbuku Nzau, assim chamado antigamente, era lugar que se encontravam vários povos vindos do Mikonje, Nekuto e outras zonas populacionais. Os autóctones designaram o local ***Kibunda*,** que quer dizer, união e encontro de populações das terras vizinhas e longínquas. O nome de Mbuku Nzau prevaleceu devido à existência de muitos elefantes. Tanto no passado como no presente (TUBI, 2014, p. 4).

O Município de Buco-Zau é um dos quatro que compõem a Província de Cabinda, com uma superfície de 2.115 km2. Antigamente a densidade populacional era de 30.000 habitantes. De acordo com o relatório trimestral da Administração Comunal de Necuto, em consonância com os resultados do censo realizado em 2014, a densidade populacional actual de Buco-Zau estima-se em 35.000 habitantes.

O Município está limitado a Norte com o Município de Belize, a sul com Município de Cacongo, a Leste pela República Democrática do Congo e a Oeste com República do Congo Brazzaville (TOCO e PUATI, 2009, p. 37). O clima é quente, com precipitações anuais. Possui duas estações, chuvosa e seca, com uma temperatura média anual que varia entre 30ºc e os 35ºc.

Buco-Zau está dividido em três Comunas: a Sede do Município, Inhuca e Necuto. Possui ainda nove regedorias nomeadamente, Bata-Mamanha, Micuma, Bembo-Bote, Cata-Buanga, Chionzo; Conde Grande, Panga-Mongo, Cungo-Butuno e Caio Contene, das quais fazem parte 25 sobados e 144 aldeias.

A Comuna de Inhuca está localizada bem próxima da Sede do Município, cerca de 25 km. Tem um território na dimensão de 405 km². De acordo com o Ex-Administrador Comunal, Alexandre Luemba, 60 anos.

A Comuna é composta por 9 aldeias, isso em função dos efeitos de guerra que assolava a região. Os populares ainda não retrocederam na totalidade. Acrescentou o ex Administrador que, com a política do governo em curso de apoio as áreas rurais, estão regressando aos poucos.

 Dentro desse horizonte de aldeias, a sua população estima-se em 1.574 habitantes, 859 são mulheres.

A Comuna de Necuto está situada a leste do Município de Buco-Zau e possui uma superfície estimada em 720 km², fazendo fronteira natural com a República Democrática do Congo. Basta atravessar o Rio Chiloango para estar na RDC. É formada por 3 regedorias (Cungo-Butuno, Caio Contene e Panga-Mongo). A sede da Comuna tem energia eléctrica que funciona durante toda a noite. Os moradores consomem água de nascentes e do Rio Chiloango.

 Em algumas aldeias mais distantes da sede algumas pessoas, sobretudo, funcionários públicos possuem gerador de energia e televisão. Com o acordo da paz assinado entre o Governo de Angola e a FCD[[4]](#footnote-4), em 2006 que marcou o término do conflito em Cabinda entre o Governo e a FLEC[[5]](#footnote-5), consequentemente, começaram várias obras como: a reabertura da Estrada Nacional Dinge-Necuto, as vias terciárias Quissamano-Necuto, Caio Panzo, Cungo Butuno e Buco-Cango; e a estrada Buco-Zau Chiaca-Necuto (CRUZ, 2012, p. 251).

 **1.2.Origem do nome N´kuto**

De acordo com Vimar de 57 anos, os portugueses chegaram nesta Comuna em 1885 e instalaram ali, o primeiro posto administrativo da região do Mayombe, ***posto Loango***.

 Os homens do Belize, Buco-Zau e de Lândana pagavam impostos no Necuto mesmo para aberturas de estradas e o comércio de escravos.

Bivuda de 52 anos, ancião da aldeia de Caio Poba, confessou-nos que a origem no nome N´kuto vem de um caçador de nome Nguala, o primeiro que teve contacto directo com os Portugueses e que levava uma pasta na cintura, onde tinha pólvoras, lanterna, pilhas, sal e jindungo (como era comum aos caçado da região), a pasta em *Kiyombe* chamava-se de *N´Kuto* e quando foi interpelado pelos Portugueses o nome da região, o caçador por não ter domínio do português, entendeu que lhe foi perguntado o que ele tinha posto na cintura, nessa conformidade ele responde em Ibinda *Yiyi N´kuto*, ou seja “*esta é pasta”*. Baseou-se no nome do caçador e o objecto que transportava e por falta de comunicação passou a chamar-se N´kuto Nguala. E posteriormente o termo N´kuto foi aportuguesado para Necuto.

As relações de Necuto com outras regiões baseiam-se a nível sociocultural e económico. A língua local é o suporte destas relações. A título de exemplo, a aldeia de Mboma Nhadi (RDC), em relação a de Bula Ntú, supõe-se ser de mesma linhagem familiar. No Necuto, o Rio Chiloango serve de limite entre dois países, Angola e a República Democrática do Congo. O mesmo tem uma bacia hidrográfica de 5.170 km2, nasce no Congo Francês (Brazzaville), serve de fronteira entre os dois Congo e entra em Angola na província de Cabinda. O Chiloango é navegável cerca de 169 km, desde a sua foz em Landâna, Município de Cacongo, até a sua confluência no Rio Luali na floresta do Mayombe.

**1.3.Tradição**

Este conceito vem do substantivo latino: *traditio,* derivado nominal do verbo *tradere* entregar ou "passar adiante", é a continuidade ou permanência de uma doutrina, visão de mundo, costumes e valores de um grupo social ou escola de pensamento (HILTON, 1993, p. 269).

Para nós, a tradição é a transmissão de costumes, comportamento, memórias etc, para uma pessoa de qualquer comunidade, sendo os elementos adquiridos possam fazer parte da cultura. Para que algo seja considerado tradição é necessário bastante tempo e por outro, a tradição não abarca apenas coisas do passado, mas sim na permanência e na continuidade do património cultural de uma determinada sociedade.

**1.3.1.Tradição oral**

Parafita (2005) define a tradição oral como «a transmissão de saberes feita oralmente pelos povos de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos».

Acrescenta ainda que, estes saberes podem ser os usos e costumes das comunidades, bem como os contos populares, as lendas, os mitos e outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, cancioneiros, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como património oral ou património imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural. (PARAFITA, 2005, p. 23).

**1.4.Educação**

Tomando o conceito de Haidt (2004), educação é nada mais do que a manifestação cultural, e por isto, dependem do contexto histórico e social em que a mesma se processa. Nela as gerações adultas exercem sobre as gerações jovens uma acção que visa orientar a conduta destes por meio de transmissão de um conjunto de conhecimentos, normas, valores, crenças, usos e costumes aceites pelo grupo social (HAIDT, 2004, p. 11).

Para nós, a educação é o processo de despertar e desenvolver faculdades intelectuais, físicas, morais, e alguns dotes em alguém.

 **1.4.1.Educação formal**

Para Gaspar (1998), a educação formal é entendida como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual da criança e do ser humano, tem um significado tão amplo e abrangente que em geral, prescinde de adjectivos.

Embora a produção do conhecimento não restringisse a instituições ou a lugares determinados, a transmissão regular e disciplinar desses conhecimentos foi sendo, com o tempo, delegado à escola, ou melhor, à educação formal. É o que tem ocorrido em todas as sociedades que se consideram civilizadas.

**1.4.2.Educação Informal**

A educação informal possui significações distintas. Para Brandão (1985), citado por Gaspar (1998), define como sendo aquela que está relacionada com o processo “livre” transmissão de certos saberes, tais como: a fala comum, a um dado grupo, as tradições e demais comportamentos característicos das diversas comunidades presentes em uma sociedade. Outro como Furter (1978), citado por Gaspar, (1998), define como todo e qualquer processo educativo ocorrido em instituições que não pertençam as Redes Escolares de Ensino (escolas federais, municipais e estaduais além de escolas privadas credenciadas pelos órgãos educacionais competentes) (GASPAR 1998, p.172).

A educação informal é realizada na família, como primeiro e privilegiado espaço de transmissão da cultura, estendendo ainda no convívio com amigos, nas actividades de trabalho e lazer, nos veículos de informação, etc. A educação informal caracteriza-se por não ser intencional ou organizada, mas casual e empírica, exercida a partir das vivências, de modo espontâneo.

Educação informal abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não organizado. Assistemática também conhecida como informal, não tem um cronograma ou uma intenção definida, acontece de maneira aleatória na família, nas igrejas na nossa comunidade, etc. (GASPAR 1997, p.173)

**1.4.3.Educação e a tradição no Necuto**

O povo de Necuto pratica a agricultura de subsistência, a caça e a pesca. De acordo com os costumes, os homens eram educados no preparo das roças e entregavam para as mulheres continuarem o trabalho. Tal como relata a cozinheira da Administração Comunal, de 50 ano, *«o homem roça, derruba as árvores e prepara o terreno, daí entrega para a mulher*». O trabalho já é da mulher. As mulheres de igual modo eram educadas a cultivar e gerir as lavras, na época de chuvosa semeiam milho e todos outros produtos necessários.

De acordo com Metre de 67 anos, coordenador de Bata Mafubo e professor, a principal actividade do homem consistia no preparo e derrube de árvores porque requeria maior força física, passando depois toda a responsabilidade dos trabalhos agrícolas para a mulher. Por isto, as mulheres eram educadas de forma acautelada porque acabavam ocupando um lugar preponderante. O de garantir a subsistência dos filhos e do futuro esposo. Daí nasce a solidariedade feminina e estabilidade do grupo.

**2.ALGUNS USOS E COSTUMES DOS POVOS DE NECUTO. (Práticas educativas Mianda e Bitungo).**

Cada povo por mais reduzido que seja numericamente, tem os seus usos e costumes, tem a sua maneira de ser e de estar na vida, isto é, tem a sua identidade própria, Nguma (2005). O povo de Cabinda não foge a regra, é nesta óptica que iremos abordar de forma sintetizada sobre algumas práticas tradicionais e educativas do povo da Comuna de Necuto resultante de uma criação autónoma e sem influência estrangeira. Dentro desses usos e costumes destacaremos a **Língua*, os provérbios*** e as práticas de ***Bitungo e Mianda*.**

Escolhemos estas práticas, embora sejam realizadas em algumas famílias, fizemo-las referência porque na cultura dos Cabinda a mulher não pode ter dois maridos e não era comum, tantos crimes de ofensas morais, roubo e tantos outros como se verifica hoje. Por outro lado o uso de alguns provérbios em Ibinda mereceu uma certa atenção da nossa parte.

2.1.**A língua**

A língua é uma das riquezas contidas na formação cultural dos povos de Cabinda, que se identificam como uso e costume de forma que cada grupo se expressa, mas são audíveis, entendidas e compreensíveis entre si, por pertencerem o mesmo tronco comum, o Kikongo Nguma, (2001, p.30). Ainda para este autor, a língua como fenómeno social é dinâmica, sofre mutações ao longo de sua existência. Desta forma, em Cabinda há um movimento da intelectualidade que tende a considerar a língua falada como “*Ibinda*”. Assim, na região, ouvimos estas duas denominações para a língua falada com tendência maior para denominá-la como **Ibinda** Nguma (2001, p. 31). A outra surgiu com a chegada europeia na região ficou conhecida como “**Fiote**”, o que não corresponde à realidade, pois, Fiote não pode ser considerada como língua (Nguma, 2001, p. 22-23).

Usando de forma sábia o seu dialecto (Kiyombe), o homem de Necuto faz chegar ou transmite a sua mensagem com provérbios, porque para eles é uma forma filosófica e madura do ancião se pronunciar. Na resolução de questões mais contundentes na aldeia como: Casamento, óbito, julgamento, etc., é normal ouvir os velhos a pronunciarem-se em provérbios, perícia adoptada aos anciãos e devidamente educados para o efeito. Só a esse nível pode-se compreender exactamente o que se pretende dizer, representando um alto nível de sabedoria popular.

**2.1.1.Provérbios**

Os provérbios (***Nongo*** no singular, ou ***Zi nongo*** no plural) são conjuntos de elementos que de uma ou de outra forma, facilitavam a realização de algumas práticas culturais. Hoje o provérbio está em via de extinção, porque cada vez menos se faz sentir o recurso ou o uso deste grande potencial cultural destes povos. (Nguma, 2005, p. 38). A título de exemplo, nos apropriamos de algumas expressões dos anciãos da região como: Vimar, Sapema, Puati, Fuka e Súbila, onde podemos destacar:

a) “*Lambila mu nlangu, ka muamba nkua bi zinga”*

Que quer dizer: cozinhe com água porque a muamba demora demais ou dá muitos rodeios.

Ensinamento: quando estamos a preparar condições para uma determinada actividade, ou resolver um problema, temos que ser breves em dar soluções e evitar morosidades acima de tudo.

b) “*Ngulu ka butila ko vá nganda*”

Que quer dizer: O porco não dá à luz em locais públicos.

Ensinamento: um determinado assunto relacionado com amigos, familiares, negócios ou ainda desentendimentos conjugais, não devem ser tratados em qualquer lugar, mas sim, em sítios próprios para o efeito (sala ou quarto), de forma que outras pessoas que não estão directamente ligadas com o assunto não apercebam do que está sendo tratado. Como dizia o velho ditado “o segredo é a arma do negócio”

c) *Phidi kue mona Tsola, ka tsola ka monako phidi*,

Em português: o cesto sempre visitou a lavra, mas a lavra nunca visita o cesto.

 Ensinamento: Temos que reconhecer a ajuda que alguém nos presta, ainda que seja insignificante para nós, temos que saber retribuir. Outros exemplos: quando visitamos alguém ou uma personalidade de qualquer esfera social e sermos bem recebidos, o mesmo deverá ser feito quando um dia ele for em nossa casa. Para o casal, ambos devem respeitar a família do seu parceiro.

d) “*Nkangulu nkunjdi, n”kangulu ma kulatchi*”

Que quer dizer, o andar ou passear com pessoas da mesma faixa etária, suscita muitas aventuras.

Ensinamento: Temos que ser prudentes ao fazer amizades, porque se aliar-se a um gatuno, gatuno tornaras e se for com uma boa pessoa também bom se tornarás.

e) “*Nzau ka zinguila ko mu tandu, ndje ku mona buma kutaba kabe taba”*

Em português quer dizer, o elefante não pode viver na planície, se o vires então está de passagem.

Ensinamento: ao instalarmos num determinado local, deve-se controlar as condições básicas que não comprometerão a sua estadia naquele lugar.

Em suma, nenhuma sociedade pode ser formada sem um sistema de valores constituído por um conjunto de princípios, crenças e conhecimentos colectivos. Neste contexto, os valores culturais são concepções gerais que mantêm a coesão social na medida em que são compartilhados por todos elementos do grupo ou da sociedade.

**2.2.*Bitungu***

Para o Senhor Nguimbi, de 62 anos, o *Bitungu* é uma prática para comprovar a paternidade. Em caso de dúvida ou doença, a criança é levada na casa da tia do suposto pai para ser tratada, raspava-se por baixo do pé do pai e misturavam com algumas folhas e era dado a criança para tomar. Se a criança não pertencer ao esposo acabaria por perder a vida.

Cientificamente, este teste é conhecido como ADN. Com a realização desta prática, a mulher não poderia trair o seu marido porque correria o risco de perder a criança, o casamento e as vezes a sua própria vida.

***2.3.Mianda*** (Praga)

Segundo Nduli, Soba de Siala Singa de 69 anos de idade, o povo da Comuna de Necuto, desde os tempos remotos acreditavam na existência de um ser supremo *Nzambi-mpungo[[6]](#footnote-6)*. Mas mesmo assim não deixavam de acreditar aos seus *Bakissi Ba Nlangu[[7]](#footnote-7)*, que segundo a tradição estes castigavam em caso de transgressão das normas de boas convivências como: roubo, ofensas, homicídios, violação, feitiçaria e outros. Daí uma das formas para punir era a prática da *Mianda*. Nesta prática, o lesado procurava um feiticeiro para amaldiçoar. *Mianda* é acção de imprecar males contra algum por causa de uma acção desagradável praticada.

 A mesma prática era realizada de seguinte modo: A pessoa quem praguejava fazia de acordo ao pedido do lesado. É de realçar que está prática trazia consequências nefastas na qual as vítimas eram os sobrinhos «filhos da irmã do infractor», dado a linhagem matrilinear, e por vezes o infractor era o último a morrer. Isto fazia com que as famílias temessem em cometer infracções que podiam provocar desgraças na família.

Após as consequências mortais, o chefe de família reunia os seus membros e procuravam um *Nganga meza[[8]](#footnote-8)* para descobrir a fonte e acabar com este mal. No caso de este revelar que são pragas, a família criava condições para acabar este mal «*kula mianda[[9]](#footnote-9)*». Era preciso uma soma em dinheiro, animais, cobertores, panelas, bebidas, etc., para por fim esta situação e muitas das vezes o *Nganga meza* tratava com um prato de vidro e depois era partido em pedacinhos e dispersava.

Tanto *Bitungu* como *Mianda* eram práticas rígidas (***em nossa visão***), mas carregadas de algumas mensagens educativas como:

A jovem rapariga desde muito cedo era educada a ser uma boa dona de casa.

Aos jovens, o respeito era um padrão a ser atingido. Era difícil ter problemas de adultério, brigas, roubo ou ofensas morais por medo de Bitungu e da *Mianda* e o casamento era para a vida toda. Estes são alguns usos e costumes do povo do Necuto que vigoravam no passado e muito deles ainda vigoram nas profundidades no alto Mayombe e que devem continuar a ser alvo de estudos posteriores e aprofundados pelos amantes da história.

Com ausência destas práticas vemos e assistimos cenas desagradáveis que não eram comuns às referências do passado como: casamentos insignificantes, filhos sem pais ou que vivem com padrastos sem conhecer o pai e o padrasto supondo que seja filho biológico.

**3. INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO DOS POVOS**

De acordo com a população entrevistada, foram unânimes em afirmar que a tradição tem uma influência confiável na educação dos povos na comuna de Necuto porque servia de guia para se proceder a educação informal, meio de socialização e instrumento de interpretação das crenças, usos e costumes e de sistemas de parentesco.

No passado era notório o respeito e a valoração da tradição de Cabinda no geral e a do Necuto em particular, patente nos corações, nas actuações e nas práticas do seu dia-a-dia, o que tornou numa prova de que a educação tinha um grande impacto na educação. Os usos e costumes bem como algumas passagens da filosofia tradicional, versada em provérbios elucidativos, presentes nos dias de hoje nos populares da Comuna mostram-nos como estes procuram guiar-se a todo custo pelos caminhos da tradição.

Ainda assim, o desrespeito pelas regras da tradição por alguns é a base da observância de alguns comportamentos não comuns no seio destes povos em particular e da sociedade no geral.

**Conclusão**

Ao longo desse estudo procuramos discutir sobre **“As repercussões da tradição na educação”.** Após uma incursão sintetizada apraz-nos apresentar as seguintes conclusões:

Para nós, a tradição é entendida como uma das fontes de educação para sociedade e que é transmitida com base na linguagem, provérbios e gestos, constituindo um verdadeiro instrumento histórico de qualquer povo cujo valor atribuído na educação do povo do Município de Buco-Zau na Comuna de Necuto, proporcionou a construção de uma identidade própria no seio destes povos. E que a mesma tinha um impacto confiante na sua educação porque servia de guia para se proceder a educação informal, meio de socialização e instrumento de interpretação das crenças, usos e costumes e de sistemas de parentesco.

Como afirma Martins (1972), a moral tradicional dos Cabinda visa basicamente fundamentar comportamentos tendentes à coesão e fortalecimento da família, da etnia. Por isso o argumento da obrigatoriedade é a tradição dos antepassados (p. 87). A desvalorização da tradição por parte de alguns munícipes leva-nos a ver cenas não comuns como: desvios comportamentais, práticas de adultério, casamentos insignificantes e gravidez precoce na sociedade Necutense.

É importante ressaltar ainda que o presente estudo não visou esgotar o tema, pretendo servir de base para estudos futuros e complementares, visto que há uma escassez de estudos que abordam essa temática, o que ao mesmo tempo servia de obstáculo no avanço do mesmo, fez que a motivação fosse maior, visando explorar essa questão e trazer para o âmbito académico esse debate que achamos ser importante para melhor aproveitamento da nossa tradição, principalmente nas camadas mais jovem da nossa sociedade.

**Contribuição para o ensino em Angola**

Considerando a história oral como um recurso moderno usado para a elaboração de registos, documentos, arquivos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos como afirma Meihy Holanda (2013), a nossa pesquisa visa contribuir para o ensino em Angola com o seguinte:

Trazer ao conhecimento dos leitores que a tradição é uma parte da história. Ela carrega apesar de alguma resistência, certas mudanças e outras sementes sutis de transformação que fazem com que as pessoas em todos os momentos ajustam o tempo de suas ideias, seu modo de ser e de fazer.

A educação tradicional é aquele que se baseia em tradições africanas reais e é passada de geração em geração. Isto significa que a educação tradicional convive hoje com a educação chamada de "moderna", introduzida com a colonização. Essa educação baseada nos ideias da tradição, apesar dos seus atributos também apresenta algumas insuficiências como:

 Relativa ausência de escrita e a educação poderia ser tão oral e, por conseguinte, ocasional e não institucionalizado. Era uma educação mística e baseada em crenças animistas e religiosas. É cercada por proibições que o tornam uma realidade inviolável e até certo ponto sem explicações convincentes, mostrando a relação que o homem estabelece com a natureza, a comunidade humana e do mundo invisível. Qualquer adulto servia de exemplo para a educação da juventude.

Em última análise, os valores da tradição como definido acima carregam elemento que não só poderia enfrentar os novos surtos da história, mas também a reconsiderar os valores mais sagrado de um mundo humanista e, assim, salvar este universo que vai à deriva política, económica, moral, social e material. Valores educacionais devem levar ao reconhecimento da identidade cultural que está intimamente ligada a todos os acontecimentos da vida. Ela encarna a expressão dos valores humanos mais nobres e o sentido da vida.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUZA, Alfredo Gabriel, et-ali, *o Tchikumbi em Cabinda: o Esvaziamento de uma Prática e Saber Tradicional de Educação Familiar*, (informação verbal), XI congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, Campus de Ondina, 2011a, 12p.

DELLAGNEZZE, *Os enclaves, os exclaves e a soberania do Estado no mundo globalizado*, UFJF, 2010,130p.

FLICK, Uwe*, Introdução a Pesquisa Qualificativa*. Trad.Joice Elias Costa, 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony*. As Consequências da Modernidade.* São Paulo: Editora UNESP. 1991

GPC, *Gabinete de Apoio e Controlo das Administrações Municipais e Comunais*. Dados demográficos de Buco Zau. Junho 2014.26 p.

MARTINS, Joaquim, *Cabinda: História, Crenças, Usos e Costumes*. CSSPCabinda: Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda-Ango,Santa Maria de Lamas: Rios e Irmãos 1972, 67p.

MASSANGA, Joaquim Paka: *Perspectivas do Campo de História no Ensino das Ciências da Educação: Emergência do Pensamento Histórico Neste Campo Disciplinar, material de apoio dos estudantes do 4º- ano, de Cadeira de Teoria de História, 2015,69 p.*

NECUTO, Relatório do Primeiro Trimestre da Administração Comunal, 2015.

NGUMA, Victor, Reflexões sobre a Colonização Portuguesa em Cabinda, Luanda:Chá de Caxinde, 2005,142p.

Pinto, Alberto de Oliveira. Cabinda e as Construções da sua História (1783-1887), Ed. Chá de Caxinde, dinalivros (Lisboa), 1ªed. 2006,155p.

TOCO, Joaquim, PUATI, Isidoro Josefina. *Origem dos Povos de Buco-zau e Arredores*. Opção: História, Isced - Cabinda, Angola, 2009. 87p.

TUBI, Barnabé Lelo: *Bênção e Dedicação da Igreja de S. Carlos Luanga Mbuku Nzau,* Centro Cultural de Cabinda – Angola, 2014.

VICENTE, São. *O Problema de Cabinda.* Luanda, Angola: INALDI, 1996.

1. O autor é Licenciando em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade 11 de Novembro; **Licenciado** em Ensino de História pelo (ISCED-CABINDA) Instituto Superior de Ciências da Educação (2016), da Universidade Onze de Novembro e Professor na Escola do II Ciclo do Ensino Geral (PUNIV/Cabinda, (Núcleo Santa Catarina). Kalimiconde@hotmail.com/albertokalimi@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. O Orientador é **Licenciado** em Direito pelo Instituto Superior Politécnico de Angola LUSÍADA Polo de Cabinda; **Mestre em Educação**. Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da FAE/UFMG, Convénio entre a Universidade Onze de Novembro (Cabinda/Angola) e a Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil; Consultor, Jurista e Professor no Instituto Superior de Ciências da Educação ISCED-CABINDA; Jpakamassanga1@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Em geografia política ENCLAVE é um Território de um Estado com distinções políticas, sociais ou culturais cujas fronteiras geográficas ficam inteiramente dentro dos limites de um Território ou região, de domínio de outro Estado. A palavra vem do Francês medieval enclaver (cercar) e do latim vulgar inclavare. Exclave tem uma raiz similar de excluir. Pode ser um exclave um Território legal ou politicamente ligado a outro Território do qual não é fisicamente contínuo (DELLAGNEZZE, 2010, P. 8-9). Contrariamente a teorias levantadas por vários autores sustentando que Cabinda é um enclave discordamos com Vicente (1996) porque atendendo a etimologia da palavra Cabinda não pode ser enclave mas ***“Exclave”***. [↑](#footnote-ref-3)
4. Fórum Cabindês para o Diálogo. Suporte jurídico que estabeleceu acordos de paz e de reconciliação para Cabinda, foi assinado na cidade do Namíbe, o Memorando de Entendimento entre o Governo Angolano e Fórum Cabindês para o Diálogo (FCD), no dia 1 de Agosto de 2006 (DELLAGNEZZE, 2010, P. 26). [↑](#footnote-ref-4)
5. Frente de Libertação do Estado de Cabinda (FLEC) criada oficialmente num congresso realizado de 2 a 4 de Agosto de 1963, antes da independência de Angola, na cidade de Ponta Negra, no Congo Brazzaville. A FLEC resulta da fusão de três organizações: o Movimento para a Libertação do Enclave de Cabinda (MLEC), de Luís Ranque Franque; o Comité de Acção da União Nacional de Cabinda (CAUNC), de Nzita HenriquesTiago; e a Aliança Nacional Mayombe (ALLIAMA), de António Sozinho. Franque assume a presidência da FLEC, Sozinho é eleito secretário-geral e Nzita é o vice-presidente (JAMES, 2004, p. 60). [↑](#footnote-ref-5)
6. Deus todo-poderoso. [↑](#footnote-ref-6)
7. Sereias que protege das maldades humanas. [↑](#footnote-ref-7)
8. Curandeiro. [↑](#footnote-ref-8)
9. Erradicar a praga. [↑](#footnote-ref-9)